

Sofia Adriana Maciel



A MÁSCARA DE OUSILHÃO

(VINHAIS)

Uma leitura antropológica e metafísica

2.^a EDIÇÃO

Vinhais
2005

PREFÁCIO

Numa época de intensa globalização, assente não somente na crescente mundialização das regras dos circuitos económicos, mas também numa cada vez mais potente amplificação dos meios de comunicação e na sua conseqüente mediatização, torna-se necessário perscrutar as riquezas das idiosincrasias culturais que existem disseminadas por todas as comunidades. Neste sentido, o presente trabalho de Sofia Maciel - intitulado *A máscara de Ousilhão (Vinhais): uma leitura antropológica e metafísica* -, representa desde logo um contributo inestimável de pesquisa e de estudo perseverantes, em ordem a caracterizar aspectos singulares do âmbito cultural, que, se assim não fosse, continuariam num persistente olvido.

Se os símbolos são uma chave para a compreensão da cultura - conforme o fundamentou Ernest Cassirer -, torna-se um imperativo a dilucidação dos vários âmbitos de impregnação do simbólico; na verdade, o homem é um “animal simbólico”, aí se inscrevendo as suas formas de linguagem, os mitos e ritos e outros tipos de conduta, as instituições e os costumes, numa palavra, a cultura de um povo. É certo que o processo de simbolização existente nos animais é natural: neles serve de meio de comunicação; não serve, contudo, de meio de pensamento. Então, o pensamento simbólico como constitutivo de uma tipificação cultural é específico do ser humano.

Neste sentido, a autora começa por analisar os pressupostos filosóficos e antropológicos de uma “simbólica da máscara”, inquiridos em obras de pensadores como Claude Lévi-Strauss, Paul Ricoeur, Mircea Eliade, e outros, para, depois, numa prolongada e serena análise que intitula “semântica da máscara”, contextualizar não somente os problemas como as pacientes e laboriosas pesquisas que foram pertinazmente efectuadas no terreno. Deste modo, este trabalho não consiste somente num relatório de descrições nem recai em mais uma antologia descritiva de atitudes e maneiras da conduta humana - o que de si já não seria despreciando -, mas desenvolve-se segundo um sereno trabalho analítico, de cunho científico, onde o objecto e os métodos se aliam para nos fornecer uma determinada visão do mundo (*Weltanschauung*) duma determinada comunidade.

Na verdade, na história das sociedades deve relevar-se a função eficaz do imaginário, na medida em que não há sociedade sem relação com o simbólico: neste sentido, se o simbólico actuante é, por um lado, constituído por situações, é, por outro, constituinte de situações; se a história gera o campo dos símbolos, também o simbólico, de certo modo, faz a história.



Os símbolos são, por excelência, meios eficazes de integração social: são instrumentos dotados de um dinamismo unificador, um gênero de poder endógeno que atrai apesar das forças exógenas em contrário. A pesquisa parte precisamente de um gênero de postulado, que é também um horizonte: não há população que não gere um sistema cultural; contudo, não há estrutura que não se situe numa dimensão oculta, subjacente aos sistemas que importa inquirir e dilucidar; por isto mesmo, na senda de Lévi-Strauss, há que ter em conta a “eficacidade simbólica”.

O ser humano é, desde sempre, a um tempo enigma e problema; as coisas não falam, mas o homem, ao invés, é solicitado a corresponder a quaisquer problemas ou enigmas através do seu discurso. A antropologia é, portanto, um discurso acerca do homem, mas dito pelo homem: donde se seguirá um jogo de semelhanças e de diferenças, uma dialéctica dos sistemas e das experiências. Daqui que a antropologia seja uma espécie de exercício do que Sócrates já há há muito fizera: as questões e as atitudes mais estranhas, mais inesperadas, mais incompreensíveis têm afinal e sempre um sentido, que é o de nos permitir ir sempre mais longe no nosso próprio questionamento.

Sabemos que uma das funções do mito, como regulador do ser no mundo, é conferir um sentido ao mundo humano; como tal, é tanto mais necessário quanto o mundo surge como incoerente e ambíguo. Assim, a metafísica - conforme bem o disse Georges Gusdorf -, deve ser compreendida como uma espécie de “mitologia segunda”, onde se articulem a unidade da antropologia e da cosmologia numa comum realização de um princípio de transcendência que caracteriza a condição humana enquanto compromisso do homem no mundo.

É verdade que o homem vive em várias dimensões, desde aquela em que sofre a influência do meio natural, como vive ainda no tempo e integra uma sociedade; não é nesta dimensão que o estudo do ser humano se revela mais complexo. Já não será nada fácil estudar o homem na sua vertente antropológica aberta a uma dimensão metafísica, pois quer as pesquisas que postule - cuja variedade parece não ter limites -, quer as reflexões por elas suscitadas - cujas respostas se convertem em novas questões -, são infinitamente múltiplas. Em suma, buscando todas essas e demais dimensões exigidas, tudo se resume e tudo se complexifica numa só palavra: a cultura; esta significa um quadro de ressonâncias multimodas nas suas formas e conteúdos, complexa no alcance seja dos conhecimentos ou das crenças perfilhados, dos valores éticos ou das formas belas adoptadas, dos costumes e dos hábitos exibidos por condutas individuais e colectivas.

O homem deste final do século XX, de índole essencialmente ra-

cionalista, enfrenta, quantas vezes, questões que a lógica fria e consequente não resolve. Os problemas duma comunidade são-no também de felicidade e de busca, insatisfação e de equilíbrio: quantas vezes os etnólogos mostraram como pode haver maior felicidade nas formas de vida e de costumes de populações que nos recordam os das indevidamente denominadas “sociedades primitivas”, do que nos de sociedades ditas desenvolvidas, confortada com meios tecnologicamente sofisticados e de ponta.

A máscara, enquanto símbolo - como escreve a autora -, “é uma representação que faz aparecer um sentido secreto, presente na metade visível do símbolo e que não pode figurar”, sendo, como tal, “simultaneamente significante e significado”; ilustra assim a marca humana de um pensamento, de uma actividade social que se exprime em costumes e hábitos colectivos. No caso presente, estamos perante uma comunidade cujos valores e expressões carecem da máscara como objecto simbólico por excelência.

Procurando caracterizar o campo semântico no interior do qual as funções próprias dos diferentes tipos de máscara se completam mutuamente, manifesta-se também a totalidade na qual elas se inscrevem. Com efeito, a máscara inscreve-se num nível que já não é somente o da ordem do natural ou do imaginário, mas o da ordem do simbólico; há que recordar que é da natureza da sociedade expressar simbolicamente os seus estilos de pensar, de vida e de costumes. Neste sentido, se uma das propriedades da máscara é a de participar simultaneamente do sensível e do inteligível, uma investigação que visa apreender quais as relações inteligíveis que, em conexão com as dimensões do sensível, esse objecto desencadeia - como a que agora é dado à estampa -, torna-se um trabalho ao mesmo tempo indispensável e essencial para inteligir a cultura de um povo, quer na sua natureza dialogal, quer na sua originalidade esfusante, quer afinal na sua índole polilodal, que, deste modo e por tudo isto, engrandece e nobilita uma cultura polifónica como é a da comunidade nacional.

Braga, 16 de Dezembro de 1998

ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO ROCHA